

## TENDÊNCIAS DIVERGENTES ENTRE MEDIEVALISTAS

*Heitor Megale*

A Sociedade Internacional Arturiana, na sigla francesa, SIA, e na inglesa, IAS, foi fundada por ocasião do 2º Congresso Arturiano, em 1948, na cidade de Quimper, Inglaterra. Em seus 33 anos de atividades, já organizou doze congressos internacionais, editou 30 Boletins Bibliográficos e mantém, em Paris, um Centro de Documentação com ampla biblioteca especializada e com eficiente serviço de registro bibliográfico.

Atualmente, reúne cerca de 1500 estudiosos da Literatura Arturiana e estabelece intercâmbio com mais de 300 universidades e bibliotecas. Tal organização se deve à descentralização em seções nacionais ou de grupos de países: seções alemã, belga, francesa, holandesa, italiana, inglesa, norte-americana (Estados Unidos e Canadá), rumena, suíça e espanhola que agrupa Espanha, Portugal e Brasil. Outros países, como Bulgária, Dinamarca, Finlândia, Japão, Suécia, Checoslováquia e Turquia que não constituem seções, têm secretários correspondentes.

Francês e Inglês são as línguas oficiais da Sociedade e os congressos têm sido realizados na França e na Inglaterra, com exceção do último, acontecido em Regensburg, na Alemanha, em comemoração dos mil e oitocentos anos desta cidade às margens do Danúbio. Houve duas participações brasileiras nestes congressos. Em 1975, em Exceter, no XIº Congresso Internacional Arturiano, esteve presente Jerusa Pires Ferreira, da Universidade da Bahia e, por ter participado do XIIº, em agosto deste ano, acatando sugestão do Prof. Segismundo Spina, faço este comentário para "*Língua e Literatura*"

O tema do XIIº Congresso Internacional Arturiano abrangia a Literatura Arturiana em verso, dos séculos XII a XV, os romances de Tristan e, por fim, o tema "Os romances arturianos e a História" Entre os dias 7 e 15 de agosto, realizaram-se 3 sessões plenárias e 91 sessões parciais. Nos horários das parciais realizavam-se 3 ou 4 ao mesmo tempo e o congressista escolhia a que melhor lhe conviesse. Para orientar esta opção, todos dispunham de um caderno com sumário bilingüe de todas as palestras.

As sessões começavam às 9 da manhã, tinham a duração prevista de 1 hora, interrompiam-se às 13 horas para o almoço e eram retomadas às 15 horas, prolongando-se até além das 18 horas.

O presidente da Sociedade, Maurice Delbouille, fez a primeira sessão plenária subordinada ao tema. “Os romances de Tristan”, declarando que se limitaria ao aspecto filológico. Passou em revista os textos de Bérout, de Thomas, *La Folie de Berne* e valorizou a edição de Joseph Bédier, como adaptação criativa. Não pude avaliar, de início, mas me pareceu curiosa a colocação enfática de Delbouille: “Je vais faire de la philologie”. Logo na primeira sessão parcial, porém, tornou-se evidente a razão da incisiva atitude de Delbouille. Leupin, de Genebra, propôs uma interpretação estruturalista da primeira *Continuação do Persival*, quando foi vivamente contestado por muitos ouvintes descontentes com a marginalização dos aspectos históricos que envolvem esta primeira *Continuação*. Os congressistas que polemizaram a palestra de Leupin continuaram presentes à de Ménard, a respeito do tema: “Le diable emprisonné dans la *Continuation du Perceval de Gerbert de Montreuil*”. No debate que se seguiu a esta conferência foi possível distinguir três linhas divergentes entre os medievalistas: uma tendência estruturalista pouco representativa no decurso do Congresso, uma tendência estaticista do primado da imaginação, limitando todo estudo à obra em si, posição assumida por Ménard, e a tendência, na falta de outro nome, culturalista, que abre a obra a todas as implicações históricas, sociais, políticas e econômicas. Esta posição veio nitidamente marcada nas intervenções de Erich Köhler e de Howard Bloch.

Pode-se dizer que a partir do segundo dia do congresso, apenas as duas últimas tendências mantinham a polêmica. Houve conferências largamente parafrásicas ou de levantamentos e aproximações exaustivas que nunca iam além. Assim aconteceu a aproximação de um episódio do *Tristan* de Bérout com um seu paralelo na História Bíblica de Davi; o reconhecimento dos elementos constitutivos do luto, da lamentação pela morte do cavaleiro, e considerações, absolutamente à margem da realidade, sobre o motivo da mais bela dama e do mais belo cavaleiro.

Em compensação, “Terre Gaste et Table Ronde: les mythes de disette et d’abondance dans le roman arthurien”, escapado às conhecidas interpretações do Graal, integrou-o lucidamente na História, na Política, na Economia e na Sociologia. O conferencista Howard Bloch lembrou posições de Antonio Candido no curso “Realidade e Irrealidade na Ficção”, no qual utilizou o texto da *Demanda do Sonto Graal*, no primeiro semestre de 1967, na rua Maria Antônia. Colette-Anne van Coolput, em “La Quête du Graal dans la seconde version du *Tristan* en prose”, soube também justificar a evolução do Graal, através de razões históricas.

Alguns conferencistas acessoraram sua interpretação de texto literário com leitura de texto histórico, atingindo ponto alto, neste caso, Shigemi Sasaki com

“Jean Froissart: l'intervention du poète” (embora a conferência tenha fugido do temário do Congresso) e Karl-Heinz Bender utilizando um texto de Pierre Lambard ao lado de romance de Chrétien de Troyes.

No último dia do Congresso, durante o debate da conferência de Daniel Poirion: “Tristan et Yseut dans *L'Escoufle*, une réception énigmatique”, depois de reconhecer o mérito da exposição, Erich Köhler apontou a ausência das implicações históricas e replicou à defesa do conferencista, que dizia ter-se limitado à estrutura da imaginação, com a seguinte afirmação conclusiva: “Il faut tenir compte que la structure de l'imagination est, avant tout, historique.”

Em suma, a polêmica das três tendências manifestadas dentro de um congresso internacional de Literatura Medieval deixou claro que o conceito de Literatura está em evolução. Jaques Le Goff, prefaciando *Littérature, Politique et Société*, de Dominique Boutet e Armand Strubel, PUF 1979, repete as posições já assumidas no prefácio de *L'Aventure Chevaleresque*, de Erich Köhler, segundo as quais “les oeuvres, en apparence les plus idéalistes et les plus esthétiques ne s'éclairent que par références à un lieu dans l'Histoire, lieu chronologique et space social”

Pelo visto, o problema não é de Literatura Medieval, nem está limitado a críticos e teóricos de um ou outro país, é literário, no mais amplo sentido e faz pensar em críticos do mundo todo. Entre medievalistas se manifestou muito agudamente porque houve ocasião e talvez também porque o necessário mergulho nos séculos para atingir a Idade Média não pode ser dado, obviamente, sem o apoio da História.